



Mulheres Gordas no cinema de comédia: Por que rimos delas?

Mujeres gordas en el cine cómico: ¿Por qué nos reímos de ellas?

Fat Women in Comedy Films: Why Do We Laugh at Them?

Ariane Domene de Moraes¹

Resumo

O artigo analisa a representação de mulheres gordas no cinema de comédia, destacando como esses corpos são utilizados para gerar humor e por que rimos deles. Tendo como referencial teórico os estudiosos Jerry Palmer, Flávia Seligman, Steve Neale e Frank Krutnik, foi explorado o conceito de comédia e suas convenções. Na qual o riso é o principal balizador de sucesso. Além disso, com a análise do filme *Missão Madrinha de Casamento* (*Bridesmaids*, 2011), que a atriz Melissa McCarthy é destaque, foi verificado que as comédias utilizam o mecanismo de ridicularização e a quebra de expectativa para geração do cômico. Mecânicas que reforçam estereótipos femininos e corporais que existem em nossa sociedade, promovem o preconceito contra esse corpo e reafirmam o padrão corporal magro como ideal.

Palavras-chave: Mulheres gordas. Cinema. Comédia.

Resumén

El artículo analiza la representación de las mujeres gordas en las películas de comedia, destacando cómo se utilizan estos cuerpos para generar humor y por qué nos reímos de ellos. Tomando como referencias teóricas a los académicos Jerry Palmer, Flávia Seligman, Steve Neale y Frank Krutnik, se explora el concepto de comedia y sus convenciones. En ellas, la risa es el principal faro del éxito. Además, mediante el análisis de la película *La Boda De Mi Mejor Amiga* (*Bridesmaids*, 2011), protagonizada por la actriz Melissa McCarthy, se observó que las comedias utilizan el mecanismo del ridículo y la ruptura de expectativas para generar comicidad. Estos mecanismos refuerzan los estereotipos femeninos y corporales que existen en nuestra sociedad, promueven los prejuicios contra este cuerpo y reafirman el estándar de cuerpo delgado como ideal.

Palabras clave: Mujeres Gordas. Cine. Comedia.

Abstract

The article analyzes the representation of fat women in comedy films, highlighting how these bodies are used to generate humor and why we laugh at them. Drawing on the theoretical framework of scholars Jerry Palmer, Flávia Seligman, Steve Neale, and Frank Krutnik, the concept of comedy and its conventions were explored, where laughter is the main measure of success. Additionally, through the analysis of the film *Bridesmaids* (2011), in which actress Melissa McCarthy stands out, it was observed that comedies use mechanisms of ridicule and the breaking of expectations to generate humor. These mechanisms reinforce feminine and body stereotypes that exist in our society, promote prejudice against these bodies, and reaffirm the thin body as the ideal standard.

¹ Bacharel em Publicidade e Propaganda pela Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo. Aluna especial do curso de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Multimeios da Unicamp. Analista Pleno de Planejamento CRM.

Keywords: Fat Women Cinema. Comedy.

Introdução

O cinema, desde sua criação, tem sido um espelho da sociedade, refletindo e moldando percepções culturais e sociais. Entre os diversos gêneros cinematográficos, a comédia se destaca por sua capacidade de abordar questões sociais complexas de maneira leve e acessível. Historicamente, o gênero comédia tem suas raízes teatro, que por sua vez tem seu surgimento nos festivais gregos antigos dedicados ao deus Dionísio. Esse espírito de celebração e humor evoluiu, influenciando profundamente o teatro e, posteriormente, o cinema.

Neste contexto, ao observar os motivos do cômico nas comédias de cinema, a representação de corpos gordos emerge como um tema de estudo relevante. Já que esse gênero, muitas vezes, utiliza o corpo gordo como um elemento cômico, o que carrega implicações significativas sobre a percepção social e cultural. E as mulheres por sofrerem pressões estéticas referente a padrões de beleza, que variam de conforme a moralidade e normas sociais de cada época, merecem destaque para a análise.

Dessa forma, o presente artigo se propõe a entender quais motivos levam o telespectador rir ao ver um corpo feminino gordo nos filmes de comédia. Parte-se do referencial teórico que inclui contribuições de estudiosos como: Jerry Palmer, com seu livro *Taking Humour Seriously* (1993), no qual conceitua o riso e o humor; Flávia Seligman, com o artigo *O ar da graça: a comédia norte-americana dos anos 20 e 30* (2006) e a obra *Popular film and television comedy* (1990) de Steve Neale e Frank Krutnik, que trazem uma visão sobre o gênero da comédia no cinema.

E então, buscando verificar como o mecanismo de geração do riso é aplicado em filmes de comédias hollywoodianos que usam os corpos gordos femininos como pilar cômico, foi feita a análise de como a imagem da atriz Melissa McCarthy foi trabalhada na comédia *Bridesmaids* (2011), de Paul Feig.

O artigo explorará, portanto, quais são as convenções do gênero da comédia no cinema, tendo um aprofundamento na geração do riso. Ressalta-se assim, como os corpos gordos femininos são retratados para gerar o cômico nos filmes, proporcionando uma visão crítica sobre como as representações do corpo feminino gordo estão em volta de questões sociais mais complexas, principalmente o preconceito contra um corpo que não é considerado dentro do padrão de beleza aceito socialmente.

A Comédia

O surgimento da comédia está entrelaçado com a história do teatro, que tem suas raízes

nas práticas e rituais gregos. Historicamente, a arte dramática surgiu nos festivais gregos antigos dedicados a Dionísio, uma divindade ligada não só à fertilidade e sexualidade, mas também ao terror e à morte. Durante essas festas, não existia distinção entre os participantes, todos compartilhavam da mesma celebração. Contudo, com o tempo, surgiu uma divisão entre rituais e performances narrativas, marcando o início do teatro como conhecemos, com atores representando papéis ficcionais diante de um público (AMARAL, 2018).

A ligação da comédia com os festivais é um tema recorrente na sua evolução. Dado que o gênero preservou aspectos desses festivais, incorporando humor, trocadilhos e equívocos, geralmente culminando em finais felizes.

Para Suzane Langer a comédia imita o ritmo da vida, fluindo entre a fortuna e o infortúnio com uma perspectiva voltada para a vida, em vez da morte. Segundo ela, a comédia utiliza a esperteza, a sorte e uma aceitação filosófica das adversidades, refletindo a visão de que não há triunfos ou perdas permanentes fora da tragédia (AMARAL, 2018).

A comédia, portanto, é vista não apenas como entretenimento, mas como uma forma de arte que celebra a resiliência e a capacidade humana de persistir, apesar das dificuldades. Ela surge espontaneamente em ritos de celebração da vida e cria finais felizes que refletem um equilíbrio, mesmo diante de desafios. Segundo Jerry Palmer, “A comédia, em geral, retrata situações dolorosas – que em outros gêneros seriam bastante sérias – sem danos, sem dores, um lugar com regras próprias que permite inclusive uma lógica do absurdo” (1987 apud AMARAL, 2018).

Por outro lado, articulando o surgimento da comédia com o cinema, Flávia Seligman (2006) aponta que durante a primeira metade do século XX, os Estados Unidos estavam passando pelo processo de industrialização, o que marcou a formação de uma sociedade urbana. Nesse contexto, o cinema surgiu como um meio de comunicação de massa, sendo a comédia norte-americana feita para agradar ao público mais carente nos momentos de descontração, já que ele não tinha acesso aos outros tipos de artes consideradas de classes mais ricas como óperas e teatros refinados. Reafirmando essa ideia, Steve Neale e Frank Krutnik dizem que “a comédia foi durante séculos o gênero mais apropriado para representar a vida, não das classes dominantes, daqueles com amplo poder, mas das classes “média” e “inferior” da sociedade” (1990, p. 11), já que os assuntos tratados nos primeiros anos do cinema era a vida de trabalhadores que usavam os filmes para rir de si mesmos.

Dessa forma, essa comédia continha um humor acessível, servindo como um reflexo social para as massas. Seligman discorre sobre o conteúdo dessa comédia, dizendo que:

O humor cotidiano e contemporâneo, a ironia e a galhofa com os costumes da sociedade, a anarquia e o humor corporal são alguns elementos que nos remetem aos primeiros filmes cômicos, atualmente somando com elementos e piadas

abordando a sexualidade. (SELIGMAN, 2006, p.9)

Seguindo esse pensamento, “uma comédia não é apenas “leve” e “divertida”, é marcada também por um “final feliz” e pela sua preocupação com a representação da “vida quotidiana” (NEALE, KRUTNIK, 1990, p. 11), logo, consegue-se identificar convenções presentes no gênero. Tendo como características principais, na visão dos autores, o final feliz e o riso, que também possuem sua origem no teatro:

Muitas dessas teorias, definições e formas teatrais têm suas raízes na Poética de Aristóteles e na teoria e prática neoclássica do período pós-renascentista (que tomou emprestado de Aristóteles e reelaborou e refinou suas ideias e formulações). Teoria neoclássica, baseado como estava em um meio cultural aristocrático, e preocupado em emular os princípios estabelecidos na Poética, tendeu a erigir uma distinção entre alta e baixa comédia, e a promover a importância das considerações narrativas em geral, e o critério de um final feliz em particular. Tendia, como corolário, a minimizar ou denegrir as formas não narrativas de comédia e a importância do critério do riso. (NEALE; KRUTNIK, 1990, p. 14)

Ainda conforme os autores, nem sempre o final feliz e o riso estão juntos nas narrativas de comédias. Para existir um final feliz é necessário que se tenha um contexto e esse desfecho é restrito a uma forma. Já o riso pode-se aplicar tanto a formas narrativas, quanto não narrativas (1990). Portanto, o final feliz e o riso demonstram que as características dos festivais gregos antigos ainda estão presentes no gênero de comédia, seja no teatro ou no cinema. Sendo o cinema um espaço de entretenimento na sociedade que retrata aspectos do cotidiano para causar uma aproximação com o telespectador.

O Riso

A comédia, frequentemente percebida e analisada como um gênero de fácil apreciação, destaca-se por sua conexão intrínseca com o contexto histórico e cultural em que é produzida. Esse vínculo com o tempo e lugar específicos facilita a identificação e a aceitação do público, essenciais para que o texto cômico alcance sua plenitude. A interação com o público é crucial na comédia e é a partir do riso, da gargalhada e da compreensão que se mede sua eficácia e aceitação (SELIGMAN, 2006).

Para Jerry Palmer, o riso, em sua complexidade, transcende a mera expressão de alegria e ocupa um lugar significativo nas interações sociais e na própria constituição das sociedades (p. 131). Assim, para entender o riso é fundamental considerá-lo no seu contexto social, o reconhecendo como uma ferramenta de comunicação.

Ainda segundo o autor, hoje, o riso pode coexistir em uma sociedade com uma serenidade

mais profunda. Dado que ela consegue fazer a distinção do que é engraçado ou sério (1994, p. 131). O riso, nesse sentido, é frequentemente confinado a situações específicas ou a eventos claramente identificados como cômicos, como piadas ou comédias.

Nesse contexto, “a insensibilidade momentânea gera o riso, e é nesse instante, pavimentado de um afastamento, a partir de uma perspectiva de fora para dentro do “problema”, que o riso vai ser efetivado” (CANEVER, 2022, p.19). Logo, o receptor da mensagem precisa se afastar para identificar o que se deve ou não ser problematizado, bem como, entender se o contexto é apropriado para a geração do riso.

No caso dos filmes de comédia, pode-se entender que eles são eventos que possuem características cômicas como convenção, sendo assim, um lugar onde o riso é permitido. Além disso, com o objetivo de rir ao assistir uma comédia, é preciso que o telespectador se distancie de possíveis problemas e questionamentos referentes aos temas tratados, com a finalidade de não interferir no efeito cômico proposto pela obra.

Por outro lado, além de realizar um afastamento sobre as questões problematizadoras que envolvem o riso, é importante destacar que ele está relacionado com o que é considerado ridículo. Segundo Seligman, “o riso consiste também em uma certa catarse e implica em reconhecer o ridículo. Mais ainda, em reconhecer-se no ridículo, achando graça de situações que, vistas sem a sátira ou a paródia poderiam ser tachadas de trágicas” (2006, p.2). Além disso, para Neale e Krutnik “o lugar do absurdo e do ridículo pode ser a mente (na forma de ignorância, imprudência, credulidade, a prática de um erro ou engano) ou o corpo (na forma de feiura, deformidade, roupas mal ajustadas ou inadequadas, e assim por diante)” (1994, p. 66).

Diante dos conceitos apresentados sobre riso, quando observados os filmes de comédia, a graça está em reconhecer-se nas situações apresentadas, que na maioria das vezes retratam a vida cotidiana, mas também, essa ação pode ocorrer quando o que está sendo apresentado é colocado como inferior e ridículo.

Por que rimos dos corpos gordos?

Seguindo a linha de raciocínio em que o riso pode ser gerado pelo que é considerado ridículo, a comédia explora a noção de falhas e defeitos humanos, que variam conforme a moralidade e as normas sociais de cada época e cultura. Estes defeitos, quando apresentados na comédia, devem ser leves e sem consequências sérias para os personagens ou para a sociedade a que pertencem, pois, o objetivo é provocar riso, não piedade ou tristeza (SELIGMAN, 2006).

Acerca disso, o sentido de defeito que se pretende trabalhar é a questão estética corporal, na qual essa “falha” deve ser entendida como algo que foge do que é considerado belo. Conforme

Natan Canever, sobre os padrões estéticos, “a ideia de feiura, no entanto, é definida a partir da discrepância e do distanciamento cronológico e cultural de variados povos, uma vez que estes vão construir padrões estéticos divergentes, mas que sobretudo assemelham-se consigo mesmos” (2022, p. 7).

Em consequência dessa divisão do que é belo e feio, ao analisar os enredos dos filmes de comédia, é bastante comum que tenham personagens com corpos gordos. Estes corpos são colocados como “feios” já que estão fora do padrão estético ideal considerado na sociedade atual, ideia defendida por Canever quando reforça que “o corpo gordo é inserido como algo grotesco ou aquilo que se opõe a um padrão estético vigente no ocidente nas primeiras décadas do século XX” (2022, p. 7).

Buscando uma perspectiva histórica de quando o corpo gordo passou a ser considerado não belo, tem-se que com o avanço da tecnologia e a reprodução de imagens através da publicidade nos meios de comunicação, esse tipo de corpo que antes era admirado passou a ser sinônimo de algo não saudável. Conforme a historiadora Denise Bernuzzi De Sant’Anna “a obesidade resultava, segundo boa parte da propaganda, do acúmulo de impurezas no organismo, do mau funcionamento dos intestinos, sendo responsáveis por comprimir o coração” (2016, p. 72), fato que estimulou mulheres a terem medo do ganho de peso. Além disso, seguindo os pensamentos da autora, essa propaganda foi responsável por divulgar maneiras de emagrecer, colocando a imagem de magreza como algo bom para saúde (2016).

Portando, analisa-se que o corpo gordo foi colocado como algo a ser evitado e que o corpo magro seria o ideal, principalmente para as mulheres. Os filmes de comédia trabalham a ideia de que personagens com esses corpos são dignas de riso, por que “essas reflexões fazem correlação direta com a ideia da comicidade ligada a uma quebra brusca de sentidos estáticos e expectativas a serem sanadas” (CANEVER, 2022, p. 8). Então, ri-se porque existe uma quebra de expectativa, pois, o telespectador espera que as personagens tenham um corpo magro, o que está dentro do padrão corporal aceito. Além disso, existe uma percepção de que “quem ri considera-se superior àquele de quem está rindo, pois vê no outro um defeito que não possui. Por isto, o herói cômico que provoca o riso é considerado um indivíduo abaixo da média, inferior” (SELIGMAN, 2006, p. 2) reforçando assim, o preconceito com o corpo gordo, além do machismo quando focado no público feminino.

Enquanto os homens gordos são frequentemente retratados como bons pares românticos, por serem doces e afetuosos, inteligentes e bons provedores, de tão boa personalidade que as mulheres se sentem atraídas por eles, a mulher gorda por outro lado, é frequentemente dessexualizada. O que reflete a ideologia patriarcal do cinema hollywoodiano, que objetifica o corpo

feminino para o prazer masculino, ideia explicada a seguir.

Mulheres gordas no cinema: Melissa McCarthy

Tendo em vista os conceitos apresentados até aqui, pode-se notar que o cômico nos filmes de comédia surge quando as personagens agem ou são representadas de maneira a quebrar as expectativas, mas também, quando seus atos e aparências são ridicularizados.

Além disso, as mulheres são alvo desse movimento já que são utilizadas em papéis que exploram e satirizam seus corpos. O que pode ser correlacionado com o pensamento de Elisabeth Ann Kaplan, em sua obra *A mulher e o cinema: os dois lados da câmera* publicado em 1995, na qual ela diz que no cinema “para a mulher, ao contrário, são dadas apenas figuras vitimizadas e impotentes que, longe de serem perfeitas, ainda reforçam um sentimento básico preexistente de inutilidade” (p. 50). A autora afirma que o cinema hollywoodiano é carregado por uma ideologia patriarcal que constrói a imagem da mulher refletindo as necessidades e desejos patriarcais.

Nesse caso, no cinema de comédia que está inserido em uma sociedade patriarcal, a figura de personagens femininas com corpos gordos é utilizada para a geração do riso, dado que representa o que não é considerado atraente por esse sistema que reflete os desejos masculinos. Fato defendido por Kaplan.

Dominante, o cinema feito em Hollywood é construído de acordo com o inconsciente patriarcal; as narrativas dos filmes são organizadas por meio de linguagem e discursos masculinos que se paralelizam ao discurso do inconsciente. No cinema, as mulheres não funcionam, portanto, como significantes de um significado (a mulher real) como supunham as críticas sociológicas, mas como significante e significado suprimidos para dar lugar a um signo que representa alguma coisa no inconsciente masculino (1995, pp. 52-53).

Com isso, buscando verificar como esse mecanismo de geração do riso por meio de corpos gordos femininos é aplicado em filmes hollywoodianos, será feita a análise de como a imagem da atriz Melissa McCarthy foi trabalhada na comédia *Bridesmaids*.

Melissa McCarthy tem um papel significativo no cinema de comédia, destacando-se por sua habilidade em interpretar personagens femininas fortes e cômicas que frequentemente desafiam estereótipos convencionais de gênero e classe. Ela é conhecida por sua capacidade de realizar comédia física, insultos improvisados e humor escatológico, tornando-se sinônimo de uma recente onda de comédias centradas nas mulheres em Hollywood. A atriz alcançou fama global com o papel de destaque em *Bridesmaids*, que lhe rendeu uma indicação ao Oscar e estabeleceu uma parceria criativa contínua com o diretor Paul Feig. Ela continuou com papéis principais em filmes como *Identity thief* (2013) e *The heat* (2013), e mais tarde em *Spy* (2015) e *Ghostbusters* (2016). Suas personagens frequentemente exploram e subvertem normas de feminilidade controlada e classe média, exibindo

uma persona que combina elementos de classe trabalhadora, masculinização e corpulência. (FRANCES SMITH, 2018, p. 231)

O filme, estreado em 2011 e com direção de Paul Feig, conta a história de Lilian (Maya Rudolph) que vai se casar e convida sua amiga Annie (Kristen Wiig) para ser sua madrinha. Ela quer ajudar a amiga com o casamento, porém, logo conhece Helen (Rose Byrne), uma linda mulher e rica que quer ser a nova melhor amiga de Lilian. Esse fato causa ciúmes em Annie e leva as duas a disputar a proximidade da amiga, assim como o posto de organizadora do casamento e eventos. Annie tem diversas tentativas falhas de conseguir ajudar Lilian, levando-as a uma grande briga e um distanciamento. Porém, no final, Lilian tem uma crise e foge pouco antes da cerimônia, e precisa de Annie para ajudá-la. Assim as duas se reconciliam e voltam a ser amigas, tendo um final feliz.

No meio dessa trama, existem as personagens coadjuvantes que aparecem para dar apoio a história principal, e é então que Megan, irmã do noivo de Lilian surge. Megan é interpretada pela atriz Melissa McCarthy e possui um importante destaque no filme com suas aparições que causam risos e alívios cômicos para o enredo.

Dessa maneira, a primeira vez que a personagem Melissa aparece na comédia, já é possível notar como foi construída para gerar o cômico na obra. Lilian apresenta Megan para Annie durante a festa de noivado, e as duas ficam a sós por um momento. Megan, a irmã do noivo, começa a contar a história de como quebrou as pernas quando caiu de um navio, e que teve contato com um golfinho durante o acontecido. Ela mal deixa Annie falar, e por fim, pergunta se o senhor que está parado atrás de Annie é seu namorado, e quando Annie responde que não, ela diz “Quem bom por que eu vou subir nele como numa árvore”, com uma conotação sexual.

Figura 1 – Primeira aparição de Megan



Fonte: Adoro Cinema. Disponível em: disponível em: <https://www.adorocinema.com/personalidades/personalidade-59830/fotos/detalhe/?cmediafile=19793668>.

Nesse primeiro momento, pode-se notar que a personagem está vestida com roupas consideradas masculinas, uma camisa e calça social (Figura 1). O que se repete em todas as cenas

em que aparece durante o filme, algo que contrasta com a vestimenta das outras personagens femininas, que sempre estão de saias ou vestidos, trajas considerados femininos. Além disso, a fala com conotação sexual, também é uma ação socialmente esperada por homens.

Sendo assim, neste primeiro exemplo, podemos empregar o cômico ao fato de que “o ponto de desconforto quebra um padrão do que se é esperado” (CANEVER, 2022, p. 7) já que não se é esperado que mulheres se vistam como homens e nem falem explicitamente sobre sexo. Além disso, o autor Frances Smith no seu artigo intitulado *Melissa McCarthy: Gender, Class and Body Politics in Contemporary US Comedy* (2018) publicado no livro *Women Do Genre in Film and Television*, explica que as personagens femininas gordas na comédia muitas vezes satirizam as expectativas de gênero. E esse travestismo literal ao vestir roupas associadas à masculinidade, como as de um *cowboy* ou de um palhaço, satiriza as exigências recatadas da feminilidade normativa, assim essas personagens questionam as normas de gênero enquanto provocam humor (2018).

Seguindo adiante na análise do longa-metragem, acontece a cena em que todas as madrinhas se reúnem para ir almoçar. Megan é a primeira a sair correndo na frente as amigas para entrar no restaurante, e quando todas estão sentadas à mesa, a personagem é a única que está usando o guardanapo como babador. Logo em seguida, todas vão para loja de vestido de noivas, e ao entrarem, Megan eructa, causando desconforto para as demais mulheres na sala. Até que todas começam a passar mal do estômago, tendo ânsia de vômito e dores de barriga. Megan tem uma reação exagerada perante as amigas, correndo para o banheiro e evacua na pia, fazendo um escândalo (Figura 2).

Figura 2 – Megan no banheiro



Fonte: Paul Feig/ Universal Studios

Nessa passagem, as duas atitudes representadas reforçam a ideia de que pessoas gordas são obcecadas por comida e quando comem se sujam porque comem demais. Além disso, as ações da personagem são exageradas quando se comparada com as demais mulheres magras em cena. Com isso, a comédia está reforçando estereótipos da sociedade, e colocando o corpo gordo como ridículo, o que é uma característica da comédia para que se tenha o riso. Segundo o pensamento de Neale e Krutnik “as pessoas são absurdas ou ridículas tanto na aparência quanto na fala ou ação:

por causa de expressão corporal ou facial, ou gesto, ou movimento, ou atividade física, ou vestimenta” (1990, p.12).

E por fim, uma passagem importante a ser destacada do filme, é quando as madrinhas estão no avião indo comemorar a despedida de solteira da noiva, Megan se senta ao lado de um homem que julga ser um policial disfarçado. Ela começa a insinuar que tem interesse sexual nele, até que, quando o homem vai ao banheiro, ela fica parada na frente do corredor do avião, o impedindo de passar com sua perna apoiada na parede, e chamando-o para fazer sexo com ela (Figura 3).

Figura 3 – Megan impedindo a passagem com a perna



Fonte: Paul Feig/ Universal Studios

Nesse episódio, as falas e atitudes empregadas fogem das convenções femininas, mas também, ao mostrar a flexibilidade de seu corpo, é causado um efeito cômico dado que não se espera que uma mulher com corpo gordo seja flexível. Assim, “para mulheres, então, o corpo gordo fornece o tipo de sinalização que Mills teoriza como um indicador da intenção cômica. Parafraseando Laura Mulvey, o corpo feminino gordo sinaliza sua 'condição de ser risível'” (SMITH, 2018, p. 226), sendo o corpo gordo em si empregado como uma ferramenta para indicar que a personagem deve ser objeto de riso.

Conclusão

A comédia como uma arte que celebra a resiliência e a capacidade humana de persistir apesar das dificuldades, traz como enredo a vida cotidiana, servindo de espelho para o entretenimento do público. O gênero tem como convenção o final feliz e o riso, este último, sendo o medidor do sucesso e aceitação da comédia.

Com apoio do referencial teórico e a análise do caso específico do filme *Bridesmaids* (2011), a personagem Megan, interpretada por Melissa McCarthy, exemplifica como a comédia moderna ainda recorre a estereótipos corporais para gerar riso. Megan é frequentemente retratada através de ações e comportamentos que subvertem expectativas convencionais de feminilidade, utilizando

seu corpo gordo como um ponto focal para o humor.

As cenas em que a personagem age de maneira exagerada ou inesperada, gera o riso por trabalhar com ridicularização do corpo que não é considerado belo, fato que reforça os estereótipos femininos e corporais que existem em nossa sociedade, promovendo o preconceito contra esse corpo.

Portanto, o estudo da comédia continua a ser um terreno fértil para a exploração crítica da representação corporal feminina, dado que o gênero ainda possui um humor baseado na aparência física, o que reforça a pressão social recaída sobre as mulheres para obtenção de um padrão corporal estético magro que, muitas vezes, é irreal e impossível de ser alcançado.

Referências

AMARAL, C. O. do. **O espaço-tempo da comédia romântica**. 2018. Instituto de artes e comunicação social Programa de Pós-Graduação em comunicação – Universidade Federal Fluminense – UFF, Niterói, 2018.

CANEVER, N. **Hollywood 1920: O corpo e o cômico nas obras de Oliver Hardy e Stan Laurel**. 2022. História – Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESCS, Santa Catarina, 2022.

FRANCES, S. **Melissa McCarthy: Gender, Class and Body Politics in Contemporary US Comedy**. In: HARROD, Mary; PASZKIEWICZ, Katarzyna. *Women Do Genre in Film and Television*. 1ª edição. Nova Iorque: Routledge, 2018. p.222-240.

KAPLAN, E. A. **A mulher e o cinema: os dois lados da câmera**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

KRUTNIK, F.; NEALE, S. **Popular film and television comedy**. Londres: Routledge, 1990.

PALMER, J. **Taking Humour Seriously**. Londres: Routledge, 1994.

SANT' ANNA, D. B. **Gordos, magros e obesos: uma história do peso no Brasil**. São Paulo: Edição Liberdade, 2016.

SELIGMAN, Flávia. O ar da graça: a comédia norte-americana dos anos 20 e 30. **Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação da Comunicação e da Cultura**. São Cristovão, v. 8, n. 2, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/277>. Acesso em: 1 de maio, 2024.

Obras Audiovisuais/Filmes

BRIDESMAIDS. Direção: Paul Feig. Estados Unidos da América: Universal Studios, 2011. 125 min.